

A Mão

Durante a guerra, um coronel recebeu carta da mulher em que ela lhe dizia ter muitas saudades e lhe pedia que a fosse ver porque tinha medo de se finir sem estar com ele pela última vez. O coronel solicitou a licença e, como tinha sido condecorado havia pouco, conseguiu três dias. Foi de avião, mas, uma hora antes da sua chegada, a esposa faleceu. O homem chorou, fez o funeral da mulher, tomou o comboio para regressar, mas de repente descobriu que perdera o cartão de membro do partido. Revolveu todas as suas coisas, tornou à estação donde partira, tudo isso com grandes dificuldades, mas não encontrou nada e acabou por voltar para casa. Ali adormeceu e, de noite, sonhou com a mulher que lhe disse que o cartão do partido estava no seu caixão, do lado esquerdo, tendo caído quando o coronel a beijara. Avisou-o também de que não devia levantar-lhe o véu da cara.

O coronel fez o que ela disse: desenterrou o caixão, abriu-o, encontrou o seu cartão do partido junto ao ombro da falecida, mas não aguentou e levantou-lhe o véu da cara. A mulher estava como viva, apenas na face esquerda se via um pequeno verme. O coronel varreu o verme com a mão, cobriu a cara da mulher com o véu, o caixão foi enterrado de novo.

Já tinha pouquíssimo tempo e foi logo para o aeródromo. Não encontrou avião que fosse para o seu destino, mas de repente um piloto qualquer, de fato-macaco chamuscado, chamou-o e disse-lhe que ia partir precisamente para onde o coronel precisava de ir. O coronel estranhou que o aviador conhecesse o destino da sua viagem, mas não tardou a descobrir que o piloto era o mesmo que o trouxera para casa.

— O que lhe aconteceu? — perguntou o coronel.

— Despenhei-me um pouco — respondeu o piloto. — Precisamente no voo de regresso. Mas não tem importância. Dou-lhe boleia, sei para onde tem de ir e eu vou na mesma direção.

Voavam de noite, o coronel ia sentado no banco corrido metálico e não percebia como era que o avião, em geral, podia voar, deformado que estava no interior, com uns farrapos quaisquer a penderem por todo o lado, um cepo carbonizado a rolar pelo chão e um cheiro forte a carne queimada. Foi um voo muito rápido, o coronel ainda perguntou se tinham chegado mesmo ao sítio certo, e o piloto respondeu que sim, que era o sítio certo. «Porque é que o seu avião tem este aspeto horrível?», observou o coronel ao piloto, ao que este respondeu que, normalmente, era o navegador quem fazia as arrumações, mas que acabara de morrer no fogo. E começou a tirar do avião o cepo carbonizado, dizendo: «É o meu navegador.»

O avião estava numa clareira, e os feridos vagueavam por perto. Estavam rodeados pela floresta, uma fogueira ardia ao longe, as pessoas espalhavam-se, deitadas e sentadas, no meio de carros e canhões destruídos, algumas estavam de pé, paradas, outras a andar.

— Para onde foi que me trouxeste, canalha? — gritou o coronel.
— Não é o meu aeródromo!

— Agora é a sua unidade — respondeu o piloto. — Trouxe-o precisamente ao lugar de onde o levei.

O coronel percebeu que o seu regimento caíra num cerco, que estava derrotado por completo, e amaldiçoou tudo, inclusivamente o piloto, que não parava de atarefar-se com o cepo, tratando-o por «navegador» e pedindo-lhe que se levantasse e caminhasse.

— Nada a fazer, damos início à evacuação — disse o coronel —, em primeiro lugar os documentos do estado-maior, a bandeira do regimento e os feridos mais graves.

— O avião já não voa mais — disse o piloto.

O coronel sacou da pistola e disse que o ia fuzilar, ali mesmo, pelo não cumprimento da ordem. Mas o piloto limitava-se a assobiar e a pôr o cepo em pé, ora por uma extremidade, ora por outra, repetindo: «Anda lá, vamos.»

O coronel deu-lhe um tiro, mas pelos vistos não lhe acertou porque o piloto continuou a murmurar o seu «vamos, vamos». Entretanto, ouviu-se o barulho dos carros, e uma coluna de camiões alemães com soldados entrou na clareira.

O coronel escondeu-se entre o ervaçal, por trás de uma elevação, os carros não paravam de rodar, mas não havia tiros, nem gritos de comando, nem paragem dos motores. Passados dez minutos, os carros foram-se embora, o coronel levantou a cabeça: o piloto continuava na mesma, a atarefar-se com o cepo carbonizado, e as pessoas estavam sentadas, ou de pé, ou a passear ao lado da fogueira. O coronel levantou-se e foi até à fogueira. Não reconhecia ninguém, não era o seu regimento, estavam ali soldados de infantaria e artilheiros, e sabia-se lá quem mais, todos com as fardas rotas, com feridas expostas de braços, pernas, ventres, apenas as caras de todos eles estavam limpas. As pessoas conversavam baixinho. Uma mulher de fato escuro à civil e lenço na cabeça estava sentada muito perto da fogueira, de costas para o coronel.

— Quem tiver aqui a patente mais alta que faça o relatório da situação — disse o coronel.

Ninguém se mexeu, ninguém prestou atenção ao coronel quando este começou aos tiros, mas quando o piloto trouxe, rolando pela terra, o cepo carbonizado, toda a gente ajudou a colocar o «navegador», como lhe chamava o piloto, em cima da fogueira e, com isso, apagaram as chamas. Caiu a escuridão completa.

O coronel tremia de frio e começou a ralar, dizendo que agora era impossível uma pessoa aquecer-se, que com aquele cepo era impossível reavivar a fogueira.

Nisto, a mulher disse, sem se virar para ele:

— Porque olhaste para mim, porque levantaste o véu? Agora a tua mão vai mirrar.

Era a voz da sua esposa.

O coronel perdeu os sentidos e, quando voltou a si, viu que estava no hospital. Contaram-lhe que o tinham encontrado no cemitério, ao pé da campa da mulher, e que a mão sobre a qual estivera deitado sofrera um traumatismo e, pelos vistos, ficaria atrofiada.

A Vingança

Havia uma senhora que tinha ódio à sua vizinha, mãe solteira com uma filha. À medida que a criança crescia e gatinhava cada vez mais, essa tal senhora começou, como que por descuido, a deixar no soalho ora uma panela com água acabada de ferver, ora um frasco de soda cáustica, ou então deixava cair uma caixa de agulhas no chão do corredor. A pobre mãe não suspeitava de nada porque a miúda ainda andava mal, e não a deixava gatinhar no corredor frio, era inverno. Porém, o tempo para a criança sair do quarto para o corredor estava iminente. A mãe fazia observações à vizinha — por que razão um frasco deixado no meio do corredor, ou «Raia, voltou a deixar cair as agulhas» — e a vizinha, então, lamentava e queixava-se das falhas de memória. Em tempos haviam sido amigas, o que era natural: duas mulheres solitárias numa casa de duas assoalhadas, com muita coisa em comum e até, algumas vezes, com convidados comuns, e nos dias de aniversário davam prendas uma à outra. Além disso, partilhavam todos os seus segredos, mas quando Zina começou a andar de barriga à boca, Raia ganhou-lhe um ódio louco. Adoeceu de ódio, literalmente, voltava para casa tardíssimo, não conseguia dormir de noite, parecia-lhe sempre ouvir uma voz masculina do outro lado da parede, no quarto de Zina, ouvir palavras e barulhos, isto quando Zina estava absolutamente sozinha. Zina, pelo contrário, afeiçoou-se ainda mais a Raia e até lhe disse, uma ocasião, que era grande felicidade ter uma vizinha como ela, como uma irmã mais velha que nunca a abandonava nos momentos difíceis. Raia, de facto, ajudou Zina a costurar a roupinha para a criança e, quando chegou a hora, levou-a à maternidade, só que não pôde ir buscar Zina e a filha recém-nascida, pelo que, sem a roupinha da criança, Zina passou um dia a mais no hospital e,

por fim, saiu de lá com a filha embrulhada num cobertor do hospital, todo roto, que prometeu devolver. Raia deu como justificação que tinha ficado doente e, desde então, continuou a alegar a doença e nunca se ofereceu para ir às compras para Zina nem a ajudou a dar banho à bebé, nem uma única vez, e estava sempre sentada com uns emplastros quaisquer nos ombros. Nem sequer olhava para a criança, embora Zina andasse sempre com ela ao colo quando ia à casa de banho, à cozinha, ao passeio, além de que a porta do seu quarto estava sempre aberta: entra e vê à vontade.

Zina arranjou oportunamente outro emprego, a trabalhar em casa, aprendeu a manejar a máquina de tricô, uma vez que não tinha parentes nenhuns, ora a «boa vizinha» era o que se sabe, na verdade não podia contar com ninguém, a vida era dela e ela própria devia carregar com o seu peso. Quando a filha era muito pequena, Zina ia entregar os trabalhos ou receber os pagamentos deixando a criança sozinha a dormir, mas quando a miúda cresceu e já dormia pouco começaram as complicações. Zina era obrigada a levá-la consigo. Quanto a Raia, não deixava de tratar das suas articulações dos ombros, até tirava baixa por causa delas, mas Zina não se atrevia pedir-lhe que ficasse de vez em quando com a criança. Entretanto, Raia começou a preparar-se para matar a criança, e Zina, quando ia para o corredor segurando a filhinha pelas mãos, via cada vez mais amiúde ora um copo esquecido no chão da cozinha, supostamente com água, ora, em cima do banco, a chaleira fervida com a asa virada para fora, mas não desconfiava de nada. Pelo menos, continuava a chilrear alegremente com a filhinha: «Diz “mamã”».» Contudo, quando ia às compras ou tinha de passar pelo emprego, Zina começou a fechar a criança à chave, e isso não passou sem consequências. Raia enraiveceu-se. Um dia que Zina saiu, a miúda acordou, pelos vistos caiu da cama e gatinhou até junto da porta para chorar. Raia sabia que a miúda ainda andava mal, que caíra da cama e, com certeza, se magoara muito porque gritava pavorosamente; sabia também que estava encostadinha à porta, deitada. Raia já não aguentava mais aqueles gritos, pelo que calçou as luvas de borracha, foi buscar uma caixa de soda cáustica guardada na casa de banho, dissolveu-a no balde e começou a lavar o chão do corredor, derramando a solução para debaixo da porta onde estava a criança. O grito dela transformou-se num berro louco. Raia acabou de limpar o chão do corredor, lavou tudo — o balde, a esfregona e as luvas —, vestiu-se e foi à policlínica.